

# **JORNALISTAS E XAMÃS: a performance na cosmologia ameríndia e a invenção de um jornalismo diferenciante <sup>1</sup>**

## **JOURNALISTS AND SHAMANS: performance in Amerindian cosmology and the invention of differentiating journalism**

Lara Linhalis Guimarães <sup>2</sup>

**Resumo:** *Jornalistas e xamãs se encontram na tarefa de traduzir mundos. O jornalismo, em seu viés de serviço prestado à sociedade por meio de empresas de comunicação, cresceu com o desenvolvimento capitalista; é filho da modernidade e dela herda valores atrelados a uma epistemologia objetivista: mais conheço quanto me afasto. Os xamãs, mestres do esquematismo cósmico, dedicam-se a realizar diálogos entre espécies diferentes de pessoas, prática amparada por uma cosmologia radicalmente relacional: conhecer é personificar, subjetivar. Por essa via, busca-se inspiração no xamanismo no desenho insurgente de um quadro epistemológico relacional, que auxilie jornalistas em sua tarefa de traduzir mundos.*

**Palavras-Chave:** *Jornalismo. Xamanismo. Tradução.*

**Abstract:** *Journalists and shamans find themselves in the task of translating worlds. Journalism, in its service bias to society through communication companies, grew with capitalist development; is the son of modernity and inherits values linked to an objectivist epistemology: the more I know how far I go. The shamans, masters of cosmic schematics, dedicate themselves to making dialogues among different species of people, a practice supported by a radically relational cosmology: to know is to personify, to subjectivate. In this way, inspiration is sought in shamanism in the construction of a relational epistemological framework, which assists journalists in their task of translating worlds.*

**Keywords:** *Journalism. Shamanism. Traduction.*

“Foi bem ou mal construído?”, pergunta-se comumente, é plausível supor, sobre construções de edifícios. Não há dúvidas de que são construídos e são reais – justamente porque foram construídos! Em muitos círculos acadêmicos, entretanto, a palavra construção está associada a algo que não é “verdadeiro”: o invólucro fantasioso de um núcleo duro, tão real - assim se espera - quanto o corpo que projeta a sombra na parede da caverna. Por essa via, não raro somos submetidos a uma *escolha altamente improvável*, como frisa Bruno Latour: “[...] ou uma coisa era real e não construída, ou era construída e artificial, ideada e

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Estudos de Jornalismo do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Professora Adjunta – Universidade Federal de Ouro Preto/MG, doutora, lara.guimaraes@ufop.edu.br.

inventada, composta e falsa” (LATOUR, 2012, p. 134). Apesar das acusações envolvendo o uso do termo construção, Latour prefere reivindicá-lo, adicionando a ele o adjetivo *social*, no sentido de associação, do modo como a Teoria do Ator-Rede (TAR) preferiu a ele. Assim, dizer que um fato é construído socialmente significa que a atenção deve estar voltada ao “[...] número de realidades heterogêneas que entram na fabricação de certo estado de coisas” (LATOUR, 2012, p. 136). Sob esse ponto de vista, teríamos nessa mirada um aumento de realismo, justamente, e não um déficit de realidade.

O social desaparece no sentido de um mundo por trás do mundo real que o explicaria. Não há nada por trás das associações – o sentido de social almejado pela TAR –, nenhum mundo objetivo, natural, simbólico, subjetivo. O social então é o que emerge do movimento de conexão entre as coisas. “O social não está em lugar nenhum em particular como uma coisa entre outras coisas, mas pode circular em qualquer lugar como um movimento que liga coisas não sociais.” (LATOUR, 2012, p. 158). Desse movimento, faz parte a atuação de mediadores: actantes fadados à coexistência ao traçar ligações em que transformações mútuas são requeridas como vitais. Não são intermediários transportando causas. A relação entre esses mediadores é chamada, na TAR, de *tradução*. São essas traduções que implicam transformações dos actantes – qualquer coisa geradora de ação – e podem produzir associações rastreáveis. É como entende também André Lemos (2013, p. 48): “Tradução, mediação, comunicação é toda ação que um actante faz a outro, implicando aí estratégias e interesses próprios na busca da estabilização futura da rede ou da resolução da estratégia ou do objetivo”.

O real estabilizado é produto de rastros inscritos em dispositivos os mais diversos pelos movimentos de tradução. “A inscrição é a instauração da realidade” (LEMOS, 2013, p. 51). Para Latour, um duplo movimento é necessário: “[...] temos de libertar as *questões de fato* da sua redução à ‘Natureza’ exatamente como devemos libertar os objetos e coisas de sua ‘explicação’ pela sociedade” (LATOUR, 2012, p. 161). Observa-se, assim, um duplo movimento de *despurificação* – despurificar os fatos da natureza e as coisas da sociedade –, já que sociedade e natureza, como considera a TAR, não são entidades que descrevem domínios de realidade.

A ANT [sigla inglesa de *Actor Network Theory* (Teoria Ator-Rede)] está interessada não apenas em libertar os atores humanos da prisão do social, mas também em oferecer aos objetos naturais uma ocasião para escaparem da cela estreita dada às questões de fato pelo primeiro empirismo (LATOURET, 2012, p. 167-168).

A mirada dessa fuga em massa nada tem a ver com o que propõe o relativismo cultural, que enseja em seu oposto o absolutismo das ciências naturais: uma natureza, várias culturas; um mundo, vários pontos de vista sobre. A fuga de humanos e não humanos de seus domínios purificados prolifera novos mundos, de modo que não estamos falando aqui de flexibilidade interpretativa de uma *mesma* coisa, a exemplo do que defendem Kovach e Rosenstiel (2003) quando afirmam que os profissionais de jornalismo devem ser “disciplinados na luta para ir além de sua própria perspectiva” (p. 142). Para ilustrar esse movimento, os autores citam Caron Marin, então jornalista de televisão em Chicago:

Quando sentamos à mesa no Dia de Ação de Graças com as nossas famílias e começa então uma daquelas clássicas discussões entre pais e filhos – sobre política, raça, religião ou sexo – assistimos ao papo todo do nosso lado da mesa. E isso acaba ofuscando nossa posição no assunto, porque naqueles momentos também defendemos nossas ideias... Um jornalista é alguém que se afasta da mesa e tenta ver tudo do lado de fora. (MARIN apud KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 142)

A partir dessa analogia, surgem algumas questões: porque estar do lado de fora da mesa forneceria uma visão privilegiada de alguma coisa que está do lado de dentro? Que lugar é esse *do lado de fora*? De que é feito? Pois de alguma coisa é, já que existe enquanto posição no mundo. O fato de estar lá, e não do lado de dentro, também implica uma tomada de posição: ver o lado de dentro a partir do lado de fora. Que lugar é esse em que, num passe de mágica, passamos a exilar nossas subjetividades? Essa separação implica também a criação de uma dicotomia, uma divisão de mundos: o mundo do lado de dentro (o das ideias, opiniões, subjetividades, parcialidades) *versus* o mundo do lado de fora (o ponto neutro, lugar privilegiado para observar as perspectivas do mundo de dentro). Esse lugar existe antes de o repórter ocupá-lo? A mesa permaneceria a mesma mesa que quero compreender ao me distanciar dela?

Pois bem. Junho de 2013 deu visibilidade e fez surgir uma série de coletivos de midiativismo que buscavam comunicar as manifestações brasileiras insurgentes no Rio de Janeiro/RJ. Modos outros de fazer e pensar o jornalismo reverberaram dessa experiência, confrontando modelos legitimados pela academia e prática profissional. Considerando um recorte que compreende o período de junho de 2013 a julho de 2014, uma primeira etapa

desta pesquisa, realizada durante meu período doutoral, buscou identificar essas novas visibilidades atreladas ao jornalismo. A partir de vivências de campo e entrevistas com diversos midiativistas no Rio de Janeiro, foi possível a compreensão de que a defesa das parcialidades do repórter no registro do acontecimento, bradada não raro por tantos coletivos de midiativismo - a exemplo da Mídia Ninja, a qual acompanhei mais de perto -, muitas vezes assumia o viés de lente de aumento do real. A mesma presunção prevalece, percebe-se, nas concepções mais tradicionais acerca do jornalismo, embora o lugar privilegiado de acesso ao real seja afastado do acontecimento - do “lado de fora”.

A purificação da realidade, para o jornalismo, é um vício de nascença. Como bem coloca *Ciro Marcondes (2009)*, a atividade é a síntese do espírito moderno: aquela que ilumina com a “razão” tudo o que está obscurecido, paradigma potencializado com a Revolução Francesa no século XVIII. Se, como *Bruno Latour (1994)* professa, talvez jamais tenhamos sido modernos, em nossa incapacidade de purificação da vida – dado/construído, natureza/cultura, humanos/não-humanos, entre tantas outras diferenciações que agora reclamam a origem híbrida –, então o jornalismo, tal qual legitimado como “o”, se aproximaria de uma promessa alucinante, assim como o projeto moderno. *Marcondes (2009, p. 17)* acredita que “[...] por incorporar tão energicamente esse espírito, ele [o jornalismo] se viu órfão quando balançaram os alicerces da modernidade [...]”. Esse filho da modernidade é também parte da necessidade moderna de purificação do mundo. E estamos vivendo hoje a revelação não do mundo, mas dos híbridos. “O sonho de purificação termina em uma vasta proliferação de híbridos” (*LEMOS, 2013, p. 72*). Talvez seja então o momento mesmo de pensar qual e quais jornalismos queremos daqui em diante.

De fato, as novas insurgências são potenciais na dispersão de outros pontos de vista sobre um mundo que não aquelas narrativas tradicionalmente reverberadas nos meios de comunicação. Entretanto, a combinação das duas tendências existentes – a que acessa o real “de dentro”, e a que acessa o real “de fora” – não necessariamente precipita algo que seja efetivamente poderoso. Por isso, esta pesquisa busca inspiração no xamanismo para a tessitura inacabada de uma alternativa conceitual, que implica consequentemente a legitimidade de ontologias outras ao campo. O método, uma aliança entre a Cartografia das Controvérsias (*Bruno Latour, 2012; e André Lemos, 2013*), a Equivocação Controlada (*Eduardo Viveiros de Castro, 2004*) e a Cartografia (*Deleuze e Guatarri, 1995, 1996, 1997*), é amparado por revisão bibliográfica transdisciplinar a fim de compreender as epistemologias

relacionadas ao jornalismo e ao xamanismo, a se destacar os escritores/pesquisadores Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Marilyn Strathern, Isabelle Stengers, Bruno Latour, Aparecida Villaça e Eduardo Viveiros de Castro; além de vivência etnográfica com lideranças indígenas e jornalistas, a fim de buscar mais *perceptos* e *afectos* (DELEUZE & GUATTARI, 1992) que conceitos, no que diz respeito ao modo como traduzem o mundo. Num momento posterior, *perceptos*, *afectos* e conceitos serão reagregados em narrativas híbridas, um interstício entre notas de campo etnográficas e grande reportagem. No tempo deste artigo, apresento conversas entre autores que vivificam a caminhada aqui proposta.

Desenvolvido pelo antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, o conceito de perspectivismo é baseado na concepção ameríndia, partilhada por vários povos do ocidente, segundo a qual o universo é

[...] povoado por diferentes tipos de agências ou agentes subjetivos, humanos e não humanos - os deuses, os animais, os mortos, as plantas, os fenômenos meteorológicos, muitas vezes também os objetos e os artefatos -, todos providos de um mesmo conjunto básico de disposições perceptivas, apetitivas e cognitivas, ou, em poucas palavras, de uma 'alma' semelhante. Essa semelhança inclui um mesmo modo, que poderíamos chamar performativo, de aprecepção: os animais e outros não-humanos dotados de alma 'se veem como' pessoas, e portanto, em condições ou contextos determinados, 'são' pessoas, isto é, são entidades complexas, com um estrutura ontológica de dupla face (uma visível e outra invisível), existindo sob os modos pronominais do reflexivo e do recíproco e os modos relacionais do intencional e do coletivo. (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p.43-44)

A perspectiva é que cria o sujeito por ela interpelado, o que explora o radical oposto das cosmologias multiculturalistas, império do relativismo cultural, e faz emergir o multinaturalismo: uma cultura, várias naturezas; ou, uma unidade do espírito e uma diversidade de corpos. “A ‘cultura’ ou o sujeito seriam aqui a forma do universal, a ‘natureza’ ou o objeto, a forma do particular” (idem, p. 43). A atitude perspectivista reclamaria a personitude, ou perspectividade, isto é, a capacidade de ocupar um ponto de vista diferente daquele de origem de quem (ou do que) se dispõe a conhecer um outro – a potência de ver como um outro –, interpenetrando menos conceitos e mais perceptos. Os xamãs, na cosmologia ameríndia, de acordo com Viveiros de Castro, seriam os mestres do esquematismo cósmico, dedicados especialmente a habitar e comunicar perspectivas cruzadas. O deslocamento xamânico ameríndio almejaria a interlocução transespecífica entre humanos e não-humanos, vendo os não-humanos como eles se veem, ou seja, como humanos.

Segundo explica o antropólogo, [...] a forma manifesta de cada espécie é um envoltório (uma ‘roupa’) a esconder uma forma interna humana (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 351).

Os deslocamentos xamânicos, segundo o antropólogo, cultivam um certo ideal de conhecimento – mais que uma forma de conhecer – alojado no extremo oposto do que ele chama de epistemologia objetivista, cultivada na modernidade ocidental, de acordo com a qual conhecer é objetivar, despir o objeto de toda presença de sujeito – dessubjetivar – de maneira a reduzi-lo a um mínimo ideal, conduzindo o feixe de intencionalidades das agências à não-existência (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 358). O inverso desse modo de conhecer em que a forma do outro é a coisa, apoia-se na crença de que conhecer é personificar. Nesse sentido, a tradução preterida pelas xamãs como interlocutores ativos no diálogo transespecífico almeja “o *quem* das coisas (Guimarães Rosa), saber indispensável para responder com inteligência à questão do ‘por quê’” (idem, 2018, p.50). O ideal epistemológico, aqui, apoia-se na busca por revelar um máximo de intencionalidades, sendo uma boa interpretação xamânica “(...) aquela que consegue ver cada evento como sendo, em verdade, uma ação, uma expressão de estados ou predicados intencionais de algum agente (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p.51)

O jornalismo, em seu viés de serviço prestado à sociedade por meio de empresas de comunicação, cresceu com o desenvolvimento capitalista. Os xamãs, considerando sua natureza transespecífica e conciliadora, seguram o céu prestes a cair pela predação ambiental e também humanitária, práticas constitutivas do mesmo modo de produção de riquezas do qual faz parte o jornalismo como empresa. Não poderiam estar mais diametralmente opostos, um e outro sujeito. A boa ironia é que, suponho, uma invenção possível de jornalismo inspira-se justamente no xamanismo, essa prática-vida de tradução do mundo que possibilita o diálogo transespecífico nas cosmologias ameríndias. E está no xamanismo, como inspiração, por ao menos alguns motivos: pela legitimidade e reconhecimento da natureza performática da tradução de mundos realizada, pela própria natureza dessa performance, por atuarem os xamãs em mundos em constante imprevisão e pelo modo como encaram o outro – como próprio. Davi Kopenawa é enfático quando condiciona a compreensão do outro ao devir: “sem virar outro, mantendo-se vigoroso e preocupado com o que nos cerca, seria impossível ver as coisas como os espíritos as vêem” (KOPENAWA, 2015, p. 70).

À época da escritura de minha tese de doutorado, da qual este texto é adaptado, propus, ao menos provisoriamente, uma classificação de duas tendências existentes, no Brasil, a respeito do *fazer* jornalístico. O choque das duas não produz necessariamente uma resolução produtiva, de modo que propus também uma alternativa conceitual, a fim de guiar o argumento analítico da tese.

a) Meios de comunicação que se apoiam num “Jornalismo de Isenção”, cultivando a presunção da verdade, convalidando sob a ilusão do acesso privilegiado ao mundo e condenando a todo custo a prática da manipulação. Nessa categoria estão a grande maioria dos atores midiáticos, arraigados aos mais arraigados valores do jornalismo, como as grandes corporações comunicacionais. *A falsa isenção é seu resultado mais desastroso.*

b) Meios de comunicação que se apoiam no “Jornalismo Ativista”, que também cultiva a presunção da verdade e convalida sob a ilusão do acesso privilegiado ao mundo, embora admita a prática da manipulação, justificada pela inserção do discurso num terreno de luta de significados. Nessa categoria estão parte dos coletivos de midiativismo, como a Mídia Ninja. *A parcialidade tomada como verdade é seu resultado mais desastroso.*

c) Alternativa conceitual: adoção do “Jornalismo de Perspectivas”, que assuma a opacidade como premissa básica de cada trânsito. Embora defenda abertamente projetos, não é eficiente a todo custo. O *Jornalismo de Perspectivas* está sempre disposto a ser capturado por outro universo de ideias e dedica-se a traduzi-lo à “gente comum” durante a captura e após o retorno à perspectiva de origem, de modo análogo aos xamãs na cosmologia ameríndia. *Tomar o ponto de vista daquilo que se busca conhecer é seu ideal de conhecimento, sua tarefa antropofágica.*

O dualismo “lado de fora, lado de dentro”, como pretensos referenciais na revelação da verdade dos fatos, tão presente no discurso de alguns atores que agenciavam o jornalismo no âmbito dos protestos insurgentes no país, instigou-me a buscar o perspectivismo, do modo como propunha Viveiros de Castro (2002), como inspiração para a tradução de mundos pleiteada pelos jornalistas. O conceito emana a perspectividade como atitude, como vimos, ou seja, a disposição por ocupar pontos de vista diferentes daqueles de origem, numa transa

afetiva e performática em que não cabem pilares conceituais como neutralidade e isenção, ainda tão presentes no imaginário popular, profissional e também acadêmico sobre o jornalismo.

Não é possível dizer se o perspectivismo me levou ao xamanismo, a exemplo de uma ordenação linear e evolutiva de construção de conhecimento, já que desde 2013 pude manter contato com lideranças indígenas através de minha atuação como tutora no Curso de Aperfeiçoamento em Cultura e Histórias dos Povos Indígenas (CHPI/UFJF). Meu encontro com Ailton Krenak, uma dessas lideranças, levou-me a experienciar vivências *indiretas* no xamanismo, antes mesmo do período da mais longa imersão de campo da pesquisa, durante a Copa do Mundo de 2014. O aprofundamento pós-campo nas leituras sobre perspectivismo, assim, fez fortificar um nó até então pouco visível para mim, que aproximava xamãs e jornalistas na função de tradutores de mundos, embora um e outro ostentem ontologias à primeira vista inconciliáveis. Isso porque as performances evocadas em um e outro domínio têm naturezas bastante diferenciadas.

André Brasil (2010) destaca que, no capitalismo avançado, a imagem é o lugar prioritário onde as formas de vida performam. Os reality shows, os vídeos pessoais na internet, os *games*, as redes sociais, a vida ordinária em si; o tempo inteiro seríamos provocados à interação. Brasil (op cit) coloca ênfase no fato de que essas convocatórias à participação não se realizam como procedimento crítico-reflexivo, mas como estratégia de adesão e de colaboração, sendo a própria visibilidade o objetivo principal da performance, não a mobilização.

Segundo o autor, isso confirma a percepção foucaultiana de que a biopolítica é a forma de poder imanente que se exerce em meio à liberdade e à autonomia. Isso porque estimula que certas autonomias e indeterminações sejam integradas a uma certa lógica de produção e consumo, sem, no entanto, perder o controle de resultados e efeitos. São “(...) estratégias biopolíticas de legitimação, naturalização e desresponsabilização”, como indica Ilana Feldman (apud BRASIL, 2010, p. 6). Por outro lado, esse apelo realista é vivido de forma nada ingênua pelos expectadores convocados a performar: eles sabem da dimensão do artifício. Essa consciência, no entanto, não levaria a um engajamento efetivo no plano das condutas.

Brasil vai evocar um outro tipo de performance, inspirada na cosmologia ameríndia, que sugere a possibilidade de um outro modo de engajamento, considerando que, nessa

cosmologia, a ontologia é variável e inconstante – várias naturezas, uma cultura. Por essa razão, a performance não se dá como falseamento ou dissimulação, mas como alteração de caráter ontológico. “(...) entre os ameríndios, a performance não se descola das formas de vida, simplesmente, porque ela é a maneira como estas formas se constituem, se relacionam e se alteram mutuamente” (BRASIL, 2010, p.13).

Assim o é quando os xamãs assumem outros corpos no movimento de tradução transespecífica. A narrativa desse deslocamento - que, em última instância, nada mais seria que um deslocamento interno, a considerar-se o outro como margem da existência do mesmo - é comunicada ao restante da aldeia através do corpo-linguagem, num exercício radical de alteridade. Para Aparecida Villaça (2000), que analisou a relação entre xamanismo e contato interétnico a partir da etnografia wari’ (grupo de língua Txapakura da Amazônia Meridional), esse movimento é análogo a um jogo de espelhos.

[...] as imagens são refletidas ao infinito: o xamã se torna animal, e é como animal que adota a perspectiva dos seres humanos, wari’, passando a ver os Wari’ como karawa, não-humanos. Nesse sentido, o xamã propicia aos Wari’, à sociedade como um todo, a experiência, indireta, de um outro ponto de vista, o ponto de vista do inimigo: de wari’ passam a se ver como presas, karawa, porque sabem que é assim que o xamã os está vendo naquele momento. O que ocorre é uma dupla inversão: um homem destaca-se do grupo tornando-se animal e adotando um ponto de vista humano (wari’) para que o resto do grupo, permanecendo humano (Wari’), possa adotar o ponto de vista animal (VILLAÇA, 2000, p. 64).

Não se trata, portanto, nesse reino da inconstância, de seres autônomos postos em relação – numa performance como estratégia de falseamento cínico – mas da relação como propulsora de processos de subjetivação. Brasil (2010) profere, com base em Viveiros de Castro (2002): “(...) no interior de uma relação de alteridade constitutiva, os sujeitos são, desde o princípio alienados. Como se a autonomia só fosse possível pela heteronomia” (Brasil, 2010, p. 14).

A ideia de constituição do real a partir de ações performáticas é central tanto na ação dos produtores de informação em nossa sociedade ocidental contemporânea – reinado da tecnocultura, como prefigura Sodré (2010) –, quanto na ação dos xamãs na cosmologia indígena. Entretanto, os últimos devem à indeterminação do presente e à complexidade do mundo a legitimidade de sua agência na improvisação criativa da vida, atribuída por Wagner (2010) aos povos tribais, religiosos e camponeses, e que atribuímos aos povos indígenas a partir de Viveiros de Castro (2002), Bruce Albert (2015) e Davi Kopenawa (2015).

Tanto o xamanismo como o jornalismo – e considerando as duas expressões como atividades performáticas, embora possuam essas performances naturezas bastante diferenciadas – pressupõem a relação entre mundos, a exemplo do par *xapiri* e xamãs, no primeiro caso; e fonte e jornalista, no segundo – dentre outros deslocamentos infintos possíveis. O modo como o xamanismo administra o encontro de perspectivas, ou, ainda, a maneira como permite o deslocamento de si para conhecer o outro é também fonte de inspiração para o jornalismo. Kopenawa é enfático quando condiciona a compreensão do outro ao devir: “Sem virar outro, mantendo-se vigoroso e preocupado com o que nos cerca, seria impossível ver as coisas como os espíritos as vêem” (KOPENAWA, 2015, p. 70).

Fazer parte do jogo de espelhos que é o movimento de tornar-se outro (VILLAÇA, 2000) significa, para o jornalista, estar disposto e proporcionar a tantos leitores, espectadores, audiências, públicos, consumidores, colaboradores e afins; a experiência, indireta e permeada de si, de um outro ponto de vista que, considerando a analogia que estamos construindo, é na verdade um outro mundo. Sob essa égide, não há fatos a serem narrados, externos à experiência, tampouco há lugar aqui para representações. Os jornalistas seriam os mestres do esquematismo cotidiano, inventando a existência ordinária desses mundos. A performance envolvida nessa tradução/invenção, mais que teatralização do eu, se aproximaria do modo como os ameríndios alteram seus corpos. Nada próximo do cinismo contemporâneo nascido, como destaca Brasil (2010), da separação, dissolução e gestão estratégica (nessa ordem) do par artifício-realidade.

Isso implicaria uma diferença de posição do eu – o que implica necessariamente uma diferença de postura do jornalista. O convite é abandonar-se à margem de si mesmo: local onde reside a perspectiva do outro, que, para os jornalistas, são os entrevistados, as fontes, os envolvidos em dado acontecimento que se deseja compreender e do qual o jornalista torna-se inevitavelmente agência – sua aldeia . Isso não significa *tomar partido* de qualquer lado – com o risco do aprisionamento numa dada perspectiva – mas buscar observar *como* (no sentido de “tal qual”) esses outros sujeitos as dobras de realidade, suas profundidades significantes, os níveis relacionais entre as agências do acontecimento. O *lead*, assim, aparece no plural: porquês, comos, ondes, o quês, quando, “quems”.

De acordo com Wagner (2010), a cultura é precipitada em dois movimentos, próximos ao deslocamento preterido pelos xamãs: a *visibilidade* – a apreensão do outro como uma entidade distinta – e, posteriormente, a *plausibilidade* – o reconhecimento de que se podem

fazer as coisas de maneiras distintas. Transmutando seu corpo-jornalista naquele corpo específico com o qual busca estabelecer compreensão, o jornalista passa a ver seus pares, e todo o resto do mundo, como outro. Assim, sendo Outro sendo o Mesmo – e o que é produzido a partir disso, em termos de narrativa audiovisual, textual, imagética, sonora –, propicia que sua aldeia e seus pares sejam colocados, indiretamente, numa relação com o Outro, ali disposto, no texto, como o Mesmo, revelado pela assinatura – seja coletiva, seja individual. Está aí a inspiração do que, inicialmente, proponho nomear como *Jornalismo de Perspectivas*.

Diante do exposto, para que essa alternativa conceitual possa adquirir vieses de força mobilizadora (tantos para profissionais do campo jornalístico, quanto para professores, pesquisadores e estudantes) faz-se necessário seguir a trilha desenhada pelos rastros aqui expostos. Desta trilha, são caminhantes: refletir sobre a tradução de mundo performada pelo jornalismo, tal qual a epistemologia objetivista legítima, assim como buscar compreender, no âmbito das práticas xamânicas, o modo como as conversações transespecíficas realizam traduções e deslocamentos de perspectivas; compreender o *modo de conhecer* dos xamãs na cosmologia ameríndia; mobilizar uma guinada ontológica ao campo jornalístico inspirada pelo perspectivismo ameríndio; contribuir com a construção de uma base teórica de referência para futuras pesquisas, amparada pela aliança entre correntes contemporâneas da antropologia e estudos de comunicação e jornalismo; fornecer instrumental teórico-reflexivo para a invenção de jornalisismos que encare o outro como margem da existência do próprio.

## Referências

BRASIL, André. **Formas de vida na imagem: da indeterminação à inconstância**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, v. 17, n. 3, p. 190-198, set-dez. 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a. V. 1.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b. V. 2.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. V.3.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. V.4.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. V.5.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: ed. 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LEMONS, André. **A comunicação das coisas: Teoria do ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume Editora, 2013. (coleção Atopos).

LIMA, Tânia Stolze. **Por uma cartografia do poder e da diferença nas cosmopolíticas ameríndias**. In: *Revista de Antropologia*, n. 54, v.2, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

RATTES, Kleyton. **O mel que outros faciam: Guimarães Rosa e Antropologia**. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica**. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, 2018.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Trad. Iracema Dullei, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SZTUTMAN, Renato (org). **Encontros – Eduardo Viveiros de Castro**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007. (coleção Encontros – Eduardo Viveiros de Castro).

TADDEI, Renzo. *Anthropologies of the Future: on the social performativity of (climate) forecasts*. In: KOPNINA, Helen; SHOREMAN-OUIMET, Eleanor (eds.). **Environmental Anthropology: future directions**. London: Routledge, 2013, pp. 244-263.

VILLAÇA, Aparecida. **O que significa tornar-se Outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, n. 44, out. 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância de alma selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. [Opinião sobre a situação dos povos indígenas no Brasil]. **Entrevista concedida à Revista CULT em 2015**. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2015/07/entrevista-eduardo-viveiros-de-castro-fotografo/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation*. **Tipiti – Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**, San Antonio, v. 2, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol2/iss1/1/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural.** São Paulo: Ubu Editora, 2018.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac & Naify, 2010.